

Lutas e Vidas em Transição



TRANSIÇÃO AGROECOLÓGICA E QUESTÃO AGRÁRIA:
Experiências da Via Campesina no Território do Alto Sertão
Sergipano.

Esmeraldo Leal dos Santos
Luciano Pires de Andrade
Ana Maria Dubeux Gervais

FICHA TÉCNICA

Reitor

Maria José de Sena

Vice-reitor

Maria do Socorro de lima

Pró-reitor de pós-Graduação

Rivaldo Aparecido Mota

Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Agroecologia e
Desenvolvimento Territorial

Walter Santos Evangelista Júnior

Doutorando

Esmeraldo Leal dos Santos

Orientador

Luciano Pires de Andrade

Coorientadora

Ana Maria Dubeux Gervais

Projeto gráfico e diagramação

Pablo Carvalho

(com auxílio de ferramentas de inteligência artificial)

Copyright © 2025, by Editora Agrofamiliar

Ficha técnica catalográfica

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE

Biblioteca Auxiliadora Cunha – CRB/4 - 1134

S237t

Santos, Esmeraldo Leal dos.

Transição agroecológica e questão agrária : experiências da
via campesina no território do Alto Sertão Sergipano / Esmeraldo
Leal dos Santos, Luciano Pires de Andrade, Ana Maria Dubeux
Gervais. – 1. ed. - Recife : Ed. Agrofamiliar, 2026.

28 p. : il.

Inclui bibliografias.

1. Agricultura familiar. 2. Agroecologia. 3. Desenvolvimento
sustentável. I. Andrade, Luciano Pires de. II. Gervais, Ana Maria
Dubeux, III. Título.

ISBN nº 978-65-02-17579-8

CDD 630.2745

Sumário

04

Introdução

10

Os Personagens

05

Território

11

José do MST

06

Via Campesina

13

Sara do MPA

07

Transição agroecológica

17

Galeria de Fotos

08

O MST e o Valmir

Mota

18

Mapas

09

O MPA e a associação de
mulheres





Introdução

A presente Cartilha, intitulada “Lutas e vidas em transição”, é um produto técnico/tecnológico (Produto Final), que segue as exigências da CAPES, como parte da Tese de Doutorado “TRANSIÇÃO AGROECOLÓGICA E QUESTÃO AGRÁRIA: Experiências da Via Campesina no Território do Alto Sertão Sergipano”, apresentada pelo doutorando Esmeraldo Leal dos Santos ao Programa de Pós Graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial (PPGADT), vinculado a Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE).

A Cartilha é um instrumento pedagógico, que através de textos didáticos e de registros fotográficos, apresenta alguns personagens e suas experiências relacionadas à luta pela terra e ao processo de transição agroecológica no Território do Alto Sertão Sergipano. Fala-se aqui da comunidade Valmir Mota Keno, situado no município de Canindé de São Francisco e acompanhado pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e do Projeto da Associação de Mulheres Trabalhadoras Rurais “Construindo Sua História”, localizada no Povoado Lagoa da Volta, situado no município de Porto da Folha, assistidas pelo Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA).

As informações apresentadas neste Produto são frutos de uma pesquisa aprovada pelo Comitê de Ética que regula as Instituições de Ensino Superior, pelas comunidades pesquisadas e pelo professor orientador da pesquisa. Além disso, foi aprovada para publicação e está em prelo da Editora e Gráfica JAndrade.



Território

O Território do Alto Sertão Sergipano, reconhecido pelo MDA (Governo Federal) e pela SEPLAN (Governo do Estado), está localizado no semiárido sergipano e é composto pelos municípios de Canindé de São Francisco, Poço Redondo, Monte Alegre de Sergipe, Nossa Senhora da Glória, Porto da Folha, Gararu e Nossa Senhora de Lourdes.

Reconhecido pela história de resistência, desde os indígenas, a exemplo dos Xokó; dos quilombolas, como Mucambo e Serra da Guia; dos sem-terra vinculados ao MST e de diversos outros camponeses ligados à igreja, ao movimento sindical e ao MPA. Esse território também é rico em cultura, a exemplo das vaquejadas e dos artesanatos; em biodiversidade, tendo a caatinga como principal referência; e, em termos econômicos, se tornou um pólo de produção de pecuária de leite, com um grande rebanho bovino e com centenas de queijarias e dezenas de laticínios.

Além disso, o Território possui a maior área reformada do Estado, com mais de 50% das famílias assentadas de Sergipe,



Via Campesina

A Via Campesina é uma organização internacional, fundada em 1993, que articula e orienta diversos movimentos do campo. Logo que nasceu, chegou ao Brasil, aglutinando movimentos e organizações como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e o Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA), além de organizações de mulheres (MMC), juventudes (PJR), pescadores (MPP), quilombolas (CONAQ), indígenas (CIMI), etc.

Propõe pautas como soberania alimentar e produção de alimentos saudáveis; reforma agrária e reconhecimento dos territórios indígenas, quilombolas e populações tradicionais; preservação do meio ambiente, defesa da biodiversidade e dos recursos genéticos, inclusive das sementes como “um patrimônio dos povos a serviço da humanidade”; tecnologias adaptadas à realidade e à necessidade de cada território; auto determinação dos povos, por direitos humanos e atenção às pautas de juventudes e de gêneros, dentre outras.

Conheça mais sobre a Via acessando a página <https://viacampesina.org/en/>.



Transição Agroecológica

A Via Campesina também questiona o modelo tecnicista propagado pela chamada Revolução Verde e, mais recentemente, pelos pacotes tecnológicos difundidos pelo agronegócio. Para o movimento, esse modelo de desenvolvimento agrícola está fundamentado na dependência de insumos externos, na mecanização intensiva, no uso indiscriminado de agrotóxicos e sementes transgênicas, além da concentração fundiária e da subordinação dos agricultores às grandes corporações do setor agroalimentar.

Quando se fala em transição agroecológica, faz-se referência a um processo contínuo de transformação, marcado pela passagem gradual de um modelo convencional de agricultura para formas de produção fundamentadas nos princípios da agroecologia. Trata-se de um movimento de convivência e coexistência temporária entre diferentes práticas produtivas, no qual ocorre a revisão crítica de métodos, técnicas e concepções historicamente consolidadas no campo.

Além de questionar esses “pacotes”, a transição agroecológica propõe outras mudanças de concepções, com dimensões sociais, e prega a construção coletiva, a participação ativa das mulheres e da juventude, o respeito às diversidades sexuais, dentre outras.

Esse processo de questionamento do modelo do agronegócio e de construção de alternativas é defendido também pelo MST e pelo MPA e é forjado, na prática, nas comunidades assistidas por esses movimentos, como no Valmir Mota e no grupo de mulheres Construindo Sua História. Está presente nas práticas do manejo florestal da caatinga, na conservação do solo e dos recursos naturais, no manejo ecológico das pragas, na integração lavoura pecuária e floresta, dentre outras .



O MST e o Valmir Mota

O assentamento Valmir Mota Keno, apesar de ter sido homologado em 2009, é fruto de um processo intenso de luta por reforma agrária que aconteceu no Território do Alto Sertão Sergipano. Destacamos a ocupação do pátio da CHESF, bem como o acampamento da fazenda Cuiabá, ambos em Canindé de São Francisco, no ano de 1996.

Desses processos de enfrentamentos nasceram diversas outras ocupações no Sertão, como: Queimada Grande, Pioneira, Quixabeira, etc. Foi também devido a essa pressão que o Governo do Estado (Marcelo Déda), construiu uma parceria com o Governo Federal (Lula), intitulada “Convênio de Terra”, que desapropriou mais de 30 mil hectares e assentou quase 1.200 famílias nesse território, incluindo as 33 beneficiárias do Valmir Mota.

Após a conquista da terra, as famílias do Valmir Mota experimentaram alternativas sustentáveis de exploração da caatinga e de produção agropecuária. Como manejo do gado em harmonia com a vegetação nativa, uso racional da água para irrigação em pequenas áreas, rotação de cultura, adubação verde, etc.

Tais experiências são orientadas pelo MST, mas também é fruto do modo como essa comunidade se organizou, possibilitando uma maior diversificação em cada lote, com impactos em todo o território.



O MPA e a associação de mulheres

A Associação de Mulheres "Construindo Sua História" fica situada no Pov. Lagoa da Volta, no município de Porto da Folha (SE). Esse grupo surgiu da necessidade das sertanejas buscarem protagonismo na unidade produtiva familiar e experimentarem novas formas de produção em diálogo com o semiárido.

Elas tiveram o apoio inicial da Congregação da Divina Providência e do Centro Dom José Brandão de Castro (CDJBC). A partir de 1995, as atividades religiosas e formativas as muniram de letramento sobre o machismo e possibilitou que as mesmas pensassem em formas coletivas e alternativas de produção.

Em 2007 elas institucionalizaram a associação e adquiriram uma pequena área de terra. Passaram a produzir coletivamente, mostrando a viabilidade da produção orgânica e sua importância no processo produtivo da unidade familiar. Foi também nessa década se aproximaram do MPA e ampliaram sua articulação territorial e nacional.

Atualmente, são 26 mulheres organizadas e produzindo na área comum e ajudando na produção nas áreas familiares. Destas, 05 possuem o selo de produção orgânica e as outras estão em transição. Produzem leite e derivados, algodão, milho, feijão, amendoim, gergelim, além dos doces, mel, compotas, geleias, chás, bolos, etc.

Os Personagens

A seguir, recortamos partes das entrevistas realizadas com representantes das organizações e/ou dos grupos apresentados, quais sejam: Valmir Mota e mulheres da Associação “Construindo Sua História”. Por orientação do Comitê de Ética, que aprovou os critérios dessa pesquisa, não haverá alterações nas transcrições das falas e não serão citados os nomes reais dos personagens. Foram usados nomes bíblicos para a identifica-los (José, Maria, Ester, Ana, etc).



José do MST

Para falar do assentado do Valmir Mota, entrevistamos o dirigente estadual do MST, que será apresentado José. Vejam alguns recortes da sua entrevista.

Meu nome é José. Não sou casado, mas sou junto, amaciado. Tenho duas filhas e moro aqui no assentamento Valmir Mota, desde quando criou o assentamento, que construiu a casa que eu vim morar aqui no assentamento.(...) quando surgiu o MST aqui no Sertão de Sergipe, ele (Seu Pai) foi uma das pessoas que incentivou muito a gente participar do MST. Então aí eu entrei no MST, me acampe. Que era no acampamento Quixabeira. Era lá na beira do rio, na CHESF. Lá na frente da represa da barragem. (...) Somos em cinco irmãos. (...) hoje todos os cinco são assentados. Eu e um irmão aqui no Valmir Mota e mais três no assentamento Manuel Dionísio.

Sobre asua trajetória pessoal para chegar na terra e sobre a importância do MST na territorialização das lutas no Alto Sertão Sergipano, ele descreve:

(...) fomos para o antigo acampamento Quixabeira, que era lá na beira do lago do Xingó. Ele me levou prá lá e eu me acampe. E assim que eu me acampe, meus irmãos todos se acamparam. Depois do quixabeira, aí eu participei de um curso da militância de 60 dias. Aí foi aonde eu comecei a conhecer mais o Movimento. Aí foi quando começou minha militância no MST. Comecei a trabalhar na militância, depois passei a ser coordenador do próprio acampamento que eu era acampado, que era Quixabeira. Na época tinha 250 famílias acampadas. E daí para frente. Depois me colocaram também na direção do MST. Hoje já tem mais ou menos uns 12 anos que estou na direção do MST.

Ele também fez um breve resumo da diversidade produtiva do assentamento.

O nosso assentamento hoje, Valmir Mota, ele tem uma grande riqueza. Hoje a gente tem uma aguinha que pode irrigar um pedacinho em cada lote. Isso para o sertão e para o semiárido, onde a gente tem a maior dificuldade por água. Então aqui pode dizer que a gente é praticamente rico. No sertão desse, você ter água e poder irrigar duas ou até três tarefas de terra, já é uma grande riqueza. A produção aqui, não se produz uma coisa só. O forte do Valmir Mota. O mais forte é quiabo. Não tem jeito. Todo agricultor tem sua rocinha de quiabo, né. E aí você tem quiabo, tem milho, outros já têm acerola, macaxeira. São diversificada a produção.

Acrescentou:

(...) Além disso também, já tem muita gente aqui também que cria gado. Que é a pecuária, principalmente e de leite. Eu também sempre gostei de criar. Hoje também estou criando. Já tenho uma vaca parida, tenho mais quatro novilhas que estão enxertada, inclusive uma já está enchendo para pari. Porque você tem que ter... O gado você não pode deixar. Porque um terreno de sequeiro se você não tiver também os animais para criar, que é mais uma renda. Porque no futuro você tem o leite todo dia que você pode comer, você pode vender. Aqui eu tenho uma vaca só, eu tenho leite para comer, e faço queijo e ainda vendo leite. Só de uma vaca. E quando as outras começar a parir. Então a tendência é a gente aumentar a produção.

Por fim, José falou da relação de convivência e de integração da produção com a caatinga e da riqueza da flora e da fauna, das áreas preservadas dos individuais e da reserva florestal do assentamento.

Aqui a caatinga, para você ter pasto você não precisa tirar todo. Você faz um raleio da caatinga, que o gado vai ter ate... Eu já assistir até na internet e na televisão. Você raleia, você pode plantar o capim. A caatinga estando raleada, o capim sai e fica. E além do capim sair, ainda tem a folha. Boa parte das folhas da caatinga os animais usam para comer. Eles comem a folha da caatinga. Tem sombra e ainda preserva. (...) Vou dizer, aqui no meu lote, hoje ainda tem o mocó, que hoje tem poucos, tem o preá, tem o teiú, tem o camaleão. Ai, dos animais de pássaro, ainda tem a Juriti, a asa branca, a cordiniz a codorna, o lambu, a seriema. A raposa, gato do mato. Inclusive essa semana eu fui ali no mato e encontrei uma raposa. Ainda tem muito ainda.

Sara do MPA

Para fazer uma reflexão sobre o MPA e sobre o grupo de mulheres, entrevistamos a dirigente do MPA, que receberá o nome de Sara.

Então, eu sou Sara, é... muitos me chamam de Sara Alves. Eu moro em Poço Redondo, Sergipe, numa comunidade camponesa chamada Massaranduba. Eu sou camponesa, sou de formação pedagoga, eu sou atriz, sou educadora popular, é o que eu gosto muito de fazer, esse trabalho de formação e de educação com o povo. E faço parte da direção nacional do MPA e da direção do MPA aqui no estado de Sergipe. (...) Tenho trinta e seis anos e tenho uma filha.

Sara descreve um pouco da sua trajetória pessoal e da estruturação do MPA no Território do Alto Sertão Sergipano.

(...)a nossa construção inicial do MPA se dá aqui no território do Alto Sertão Sergipano, onde eu moro, né? Então, aqui nós estamos em cinco municípios, uns com um processo mais intenso de construção e com a base maior, outros com a base menor, mas sempre buscando realizar um trabalho de organização, de formação e de luta permanente pensando não só em resolver os problemas do povo, mas também de elevar o nível de consciência do povo sobre sua realidade, sobre nossa história na perspectiva de se reconhecer enquanto classe e ao mesmo tempo de ver, né? A diversidade que existe desse sujeito camponês nas comunidades. Então, o MPA tenta fazer um trabalho com as mulheres, que é com a juventude, com as crianças, entendendo que o passado, o presente e o futuro, eles tão muito relacionados, né?

Sobre visão de território do MPA a dirigente acrescentou:

Olha, território no MPA não é uma palavra tão antiga que a gente usa. Digamos que território é parte das novas reflexões e da atualização do debate estratégico do movimento. Então, no último período aí eu diria que depois de 2017, 2018, o MPA entrou numa fase nacional que foi de retomar o debate da estratégia, né? Do seu horizonte, de caminhada e tal. E reorganizou um pouco isso, entende que uma das nossas grandes tarefas e o centro da estratégia é a construção do poder popular nos territórios.

Sara ainda falou das orientações do MPA e os desafios das comunidades, para implementar um "Plano Camponês" de agroecologia e de transição agropecológica.

Olha, pensar o processo de transição agroecológica ele é complicado, né? Porque, se a gente na perspectiva do debate agroecológico tudo é meio radical assim, né? Posso dizer a palavra radical, mas tipo é o processo que a gente deve encarar com mais serenidade, com mais firmeza, né? E, fazer essa transição, fazer a produção agroecológica em uma realidade que você não tem água e você muitas vezes não consegue fazer porque não tem água. Se você pegar uma outra região como ali, né? O perímetro irrigado, quem se dispõe ali a fazer um processo de transição vai ter muita dificuldade porque o conjunto todo usa muito veneno, então a sua produção pode não ter veneno, mas o veneno que, né? E aí você vai pensar, a gente vai precisar do esterco para usar lá na produção das nossas hortaliças, aí o esterco vem da vaca que comeu a soja que foi produzida na casa não sei da onde, com uma série de insumos, então, né?

Mas, os camponeses não têm a condição de produzir a comida da vaca toda, né? De acordo com as suas condições tão somente, ele também depende da empresa que vende a soja e etc... e tal. Então, é um conjunto de coisas que se relacionam e que acabam dificultando aqueles que de fato querem fazer uma produção pura agroecológica, né? Então, ele não tem o controle de uma série de coisas que não depende só da sua vontade, ele se submete às questões sobre aquela realidade. Então, como é que aquele que está consciente e quer fazer essa transição vai viver brigando com seu vizinho, dizendo que ele não passe veneno. Quando ele não tem, ele não consegue enxergar saídas e mesmo que você leve ele para uma oficina, então ele diz, é, mas daqui que isso funcione eu vou perder a produção e tâtátá... enfim, no fundo é aqueles que estão em um processo de organização, de luta, de formação, elevam a consciência, mas tem numa comunidade, num território, não é todo mundo que tá abraçando no mesmo nível aquela luta, né?

Então, é tudo muito relativo, então, você depende de uma série de coisas, né? E, depende também de estímulos, de financiamento, né? O Estado ele não quer arcar com isso, né? Então, pouco ainda são os programas de fato que dão estímulo a essa transição, que deveria ser de forma mais massiva, os governos deveriam ter uma preocupação maior com isso, né? Porque no fundo quando a gente tá pensando é... quando a gente produz de forma agroecológica, nós estamos alterando as relações sociais, ambientais, né? Então, os resultados positivos que ficam eles geram impactos para o presente e para o futuro e compromete as gerações presentes e as gerações futuras.

Sara ainda falou das orientações do MPA e os desafios das comunidades, para implementar um "Plano Camponês" de agroecologia e de transição agroecológica.

Olha, pensar o processo de transição agroecológica ele é complicado, né? Porque, se a gente na perspectiva do debate agroecológico tudo é meio radical assim, né? Posso dizer a palavra radical, mas tipo é o processo que a gente deve encarar com mais serenidade, com mais firmeza, né? E, fazer essa transição, fazer a produção agroecológica em uma realidade que você não tem água e você muitas vezes não consegue fazer porque não tem água. Se você pegar uma outra região como ali, né? O perímetro irrigado, quem se dispõe ali a fazer um processo de transição vai ter muita dificuldade porque o conjunto todo usa muito veneno, então a sua produção pode não ter veneno, mas o veneno que, né? E aí você vai pensar, a gente vai precisar do esterco para usar lá na produção das nossas hortaliças, aí o esterco vem da vaca que comeu a soja que foi produzida na casa não sei da onde, com uma série de insumos, então, né?

Mas, os camponeses não têm a condição de produzir a comida da vaca toda, né? De acordo com as suas condições tão somente, ele também depende da empresa que vende a soja e etc... e tal. Então, é um conjunto de coisas que se relacionam e que acabam dificultando aqueles que de fato querem fazer uma produção pura agroecológica, né? Então, ele não tem o controle de uma série de coisas que não depende só da sua vontade, ele se submete às questões sobre aquela realidade. Então, como é que aquele que está consciente e quer fazer essa transição vai viver brigando com seu vizinho, dizendo que ele não passe veneno. Quando ele não tem, ele não consegue enxergar saídas e mesmo que você leve ele para uma oficina, então ele diz, é, mas daqui que isso funcione eu vou perder a produção e tâtátá... enfim, no fundo é aqueles que estão em um processo de organização, de luta, de formação, elevam a consciência, mas tem numa comunidade, num território, não é todo mundo que tá abraçando no mesmo nível aquela luta, né?

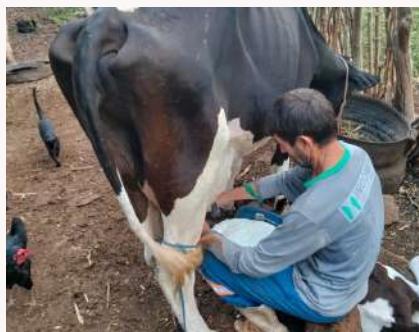
Então, é tudo muito relativo, então, você depende de uma série de coisas, né? E, depende também de estímulos, de financiamento, né? O Estado ele não quer arcar com isso, né? Então, pouco ainda são os programas de fato que dão estímulo a essa transição, que deveria ser de forma mais massiva, os governos deveriam ter uma preocupação maior com isso, né? Porque no fundo quando a gente tá pensando é... quando a gente produz de forma agroecológica, nós estamos alterando as relações sociais, ambientais, né? Então, os resultados positivos que ficam eles geram impactos para o presente e para o futuro e compromete as gerações presentes e as gerações futuras.

Por fim, ela fez uma reflexão sobre a importância das universidades públicas e da necessidade de ter pesquisadores e pesquisas comprometidos com as demandas do povo brasileiros e com as necessidades das organizações.

(...) Fazer um trabalho desses que ajuda os movimentos, né? Então, nós entendemos que a universidade tem um papel, aqueles que ousam estudar, faz doutorados, mestrados, tem que produzir para o nosso povo, para nossa gente, né? Para ajudar a gente a interpretar melhor os desafios e as questões que a gente tem que encarar no presente e no futuro que os estudos são para nos subsidiar. E os dirigentes e os militantes precisam de fato de ter posse disso, né? De conhecer isso. E estudar a si mesmo, né? As vezes a gente tem que dar uma paradinha para fazer isso, mas nem sempre a gente faz. Então, quem faz, sem dúvida é digno de muito agradecimento também do movimento.

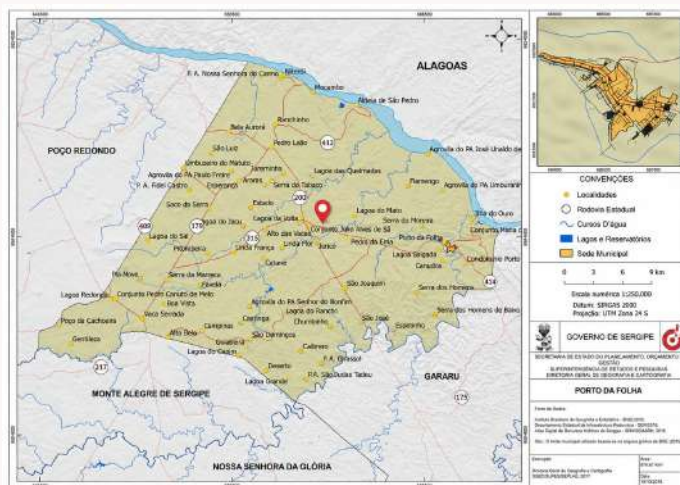
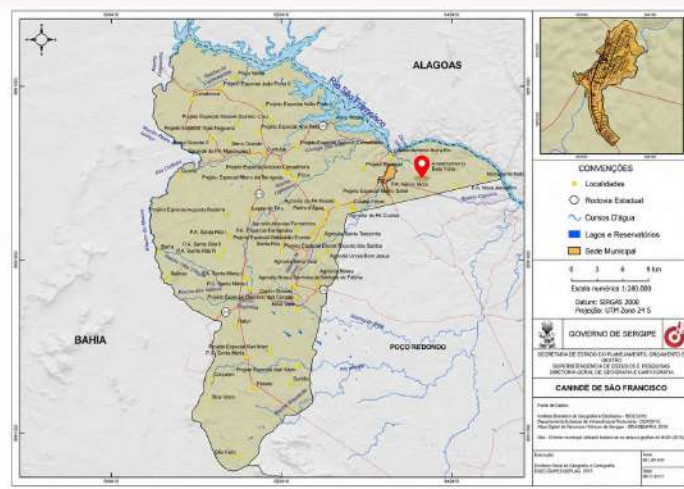
Galeria de Fotos

Ainda fez parte desta pesquisa um arquivo digital de fotos (históricas e recentes), capturadas durante as entrevistas, nas aplicações dos questionários, nas visitas de campo, nas redes sociais dos movimentos. Esse arquivo foi disponibilizado para as famílias e suas organizações e poderá subsidiar outras pesquisas futuras. Segue algumas fotos representativas.



Mapas

A pesquisa também disponibilizou mapas e coordenadas de localizações das duas comunidades. Valmir Mota, em Camindé de São Francisco: 9°40'11.3"S 37°45'47.1"W e Grupo de mulheres "Construindo Sua História", em Porto da Folha: 9°53'53.6"S 37°24'32.3"W





Programa de Pós-Graduação
**AGROECOLOGIA E
DESENVOLVIMENTO
TERRITORIAL**



GRUPO DE PESQUISA
**AGROECOLOGIA E
AGRICULTURA FAMILIAR
SUSTENTÁVEL**

ISBN nº 978-65-02-17579-8